

Clarissa e a representação de modernidade

Anna Carolina Legroski

Graduada em Letras-Francês pela UFPR, mestre em Traduction Littéraire et Édition Critique pela Lumière Lyon 2, e graduanda em Letras – Português pela UFPR.

E-mail: anna.legroski@gmail.com

Resumo: O processo de modernização dos modos de produção inaugurado pela Segunda Revolução Industrial representou uma ruptura no modo de vida dos homens por ele afetados, causando o que Berman (2007) classificou como “turbilhão” moderno. Em 1933, o primeiro romance de Erico Verissimo, *Clarissa*, lança uma representação desse turbilhão a partir de sua metáfora nas relações entre os personagens pensionistas de dona Eufrasina. Nesse ambiente, surge a personagem título, que dá vida à dicotomia entre a cidade modernizada e o campo anterior a esse processo, e o personagem observador, Amaro, que denuncia essa dicotomia e esse turbilhão moderno.

Palavras-chave: Erico Verissimo. Modernidade. Literatura e sociedade.

Abstract: The process of modernization of production methods inaugurated by the Second Industrial Revolution represented a break in the way of life of people affected by it, causing what Berman (2007) classified as "whirlwind" modern. In 1933, *Clarissa*, Erico Verissimo's first novel, proposes a representation of this phenomenon through the metaphor in the relations between the pensioners of Lady Eufrasina. In this environment, arises the title character, who gives life to the dichotomy between the modernized city and the overpast country, and also arises the observer character: Amaro, who denounces this dichotomy and the modern whirlwind.

Keywords: Erico Verissimo. Modernity. Literature and society.

1 Introdução

A Segunda Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XIX (c. 1850 – 1870), foi responsável por mudanças substanciais no modo de vida e de produção do homem moderno. Essas mudanças, porém, não modificaram apenas o mundo externo, inserindo novas tecnologias, mas também o próprio homem, que passou a conviver com essas mudanças.

Ao falar da experiência moderna, Berman pontua que

o turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; [...] No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se “modernização”. (BERMAN, 2007, p. 25)

■

Isso significa que o homem, ao entrar nesse processo, tem alterada a imagem que faz do mundo e de si próprio, restando a ele se relacionar com essas mudanças, apropriando-se delas ou buscando evasão em uma idealização de um passado anterior à modernização.

Essa modernização do modo de vida e de produção não passou despercebida das artes, incluindo a literatura. Na década de 1930, era editado o primeiro romance do rio-grandense Érico Veríssimo, *Clarissa*, que retrata, a partir do cotidiano de um pensionato em Porto Alegre, a modernização da cidade e os ecos desse processo na vida de seus habitantes.

A partir da narrativa de Érico Veríssimo, temos acesso ao turbilhão social e psicológico pelo qual passam os personagens desta casa sempre tumultuada. Alguns personagens abraçam a mudança e fazem uso das novas tecnologias, juntando-se ao burburinho da cidade em transformação. Outros, porém, mais especificamente o poeta Amaro, buscam refúgio no paraíso perdido da mocidade e tentam se isolar do processo irresistível e esmagador da modernidade. Nesse ínterim, surge a personagem título, que une o pré-moderno ao moderno com a força de sua juventude, sendo um eco do que ainda não foi modernizado, mas que faz uso dos produtos da modernidade.

A vida bucólica que Clarissa deixou para trás ao ir para a cidade grande em busca de condições melhores de estudo é uma significativa representação do mundo anterior à modernização, que deu lugar ao mundo moderno pós-revoluções industriais. Se o campo é visto com saudades por Clarissa, a vida anterior à cidade em crescimento também é cara a Amaro. Esses dois personagens centrais são colocados no meio do turbilhão moderno, representado pela casa de pensão, especialmente pelos momentos em que todos os pensionistas se encontram à mesa e passam a discutir seus assuntos que vão da política ao cinema, passando também pela religião.

Nesse contexto, surge a admiração de Amaro por Clarissa, que representa esse ideário pré-moderno de paraíso perdido – o paraíso que ele perdeu e que ficou em sua cidade pequena, com o cego que tocava concertina. Clarissa, força da juventude, é o elo entre o urbano tumultuoso – ela faz parte da vida fervilhante da pensão, faz uso com gosto das tecnologias novas, como, por exemplo, o bonde e o cinema – e o que ainda não foi urbanizado – Clarissa sonha com o retorno à fazenda de seus pais. Dessa forma, o autor une os dois modos de vida dicotomizados pela revolução técnico-científica.

2 Clarissa e a representação da modernidade

Entre contrastes, o primeiro romance de Érico Veríssimo, “Clarissa”, de 1933, revela uma Porto Alegre em fase de modernização e apresenta personagens que se relacionam com esse processo. A personagem título, uma jovem que completa 14 anos enquanto a trama se desenvolve, representa em larga medida o ideário idílico do campo e a frescura da juventude que se adapta à modificação urbana, enquanto que seu oposto, o poeta Amaro, apresenta uma visão de mundo melancólica e descontente com a modernização e seus efeitos colaterais, como a burocracia crescente e o turbilhão de sentimentos.

Embora o romance não apresente uma representação exata da cidade, uma vez que esse processo se faz sutilmente, a partir do uso de elementos modernos dentro do

próprio enredo do livro, o autor escreve uma crônica sobre seu romance, discorrendo sobre Porto Alegre na época em que se passa o livro.

Porto Alegre ainda era um burgo provinciano, de casario baixo, muitas casas de madeira, edifícios praticamente só no centro da cidade. [...] A população, por 1930, não chegava a 200 mil habitantes; largos trechos de campo aberto separavam a cidade de suas vizinhas (VERÍSSIMO, 2005, p. 206.)

Segundo o que o autor revela, mesmo sendo a capital do estado do Rio Grande do Sul, a cidade ainda está no início de sua modernização, mas já contava com bolsões de miséria – recorrente em grandes cidades – e com outros índices marcantes de modernização, como o bonde: “o principal meio de transporte coletivo era o bonde elétrico que fazia a ligação entre os centros e os bairros” (VERÍSSIMO, 2005, p. 207), o cinema – sempre lembrado ao longo do romance – a existência de um personagem farmacêutico e de outras comodidades da vida urbana. Sevcenko (1998, pp. 8 e 9) informa que a Revolução Técnico-Científica

[...] possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados do petróleo, dando assim origem a novos campos de exploração industrial [...] com efeitos dramáticos sobre a produção e conservação de alimentos, ou na farmacologia, medicina, higiene e profilaxia [...] No curso de seus desdobramentos surgirão [...] os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone [...] a fotografia, o cinema, a radiofusão, a televisão [...].

Esses produtos, frutos da Segunda Revolução Industrial, aparecem em *Clarissa* de forma orgânica, como elementos integrados à vida cotidiana que não causam mais assombro por sua inovação, de forma que os personagens estão habituados a esse novo modo de viver.

O centro da cidade e os bairros elegantes (como as laterais da avenida da Independência) consolidavam seu processo de modernização [de Porto Alegre]. No centro, uma das grandes novidades foi a aposentadoria dos lampiões de gás, definitivamente substituídos por lâmpadas elétricas [...]. Quase todos os prédios públicos tinham passado por reformas ou sido renovados a partir de 1900. Concorreram para isso arquitetos [...] e preceitos positivistas, ordenando as fachadas e elementos decorativos, bem como os monumentos, de acordo com linhas que procuravam casar o antigo e o moderno [...] (VERÍSSIMO, 2005, pp. 208 e 209).

O panorama mundial é vislumbrado através das referências ao contexto histórico e social do momento, no período entre guerras e de getulismo, nas falas e reflexões dos personagens. A partir delas é possível compreender que o mundo está sob uma forte tensão, mas que esta não afeta diretamente a vida dos pensionistas, pois seu envolvimento nos assuntos do mundo é meramente retórico para preencher as lacunas de assunto nas conversas. Também é possível perceber a forte presença militar do momento através do personagem do Major Pombo, que inunda as conversas na

■

pensão com suas reminiscências de quem já esteve em combate e com suas considerações a respeito das ameaças de guerra do momento.

No entanto, é interessante observar que mesmo a tensão que há na Europa, oriunda da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e que se desdobraria na Segunda Guerra (1939-1945), não influencia a visão de mundo dos personagens. Amaro, quando inquirido em uma tarde por Major Pombo a respeito das novidades, considera: “de novo? Nada. A vida rola... Ameaças de guerra na Europa. Um discurso de Mussolini. Inundações na China. Crimes. Campanha eleitoral nos Estados Unidos. No Brasil – ‘isto que o senhor está vendo’” (VERÍSSIMO, 2005, p. 21). Aqui, o caos político é simplificado e reduzido pelo personagem.

A popularidade do cinema também é representada no romance. Primeiramente, temos a personagem de Ondina, ávida espectadora de filmes, e suas conversas com Belinha sobre cinema e sobre celebridades desse mundo. Mas, mais enfático que isso, temos o episódio em que Clarissa lê um romance e o imagina tal qual um filme, inclusive com os atores de suas fitas preferidas: “Clarissa vê, vê de verdade. Gary Cooper está na frente de Jean Harlow. Elfrida sorri, com seus olhos verdes como salgueiros mergulhados nos olhos escuros do namorado” (VERÍSSIMO, 2005, p. 88). Dessa forma, fica clara a influência desse meio artístico em expansão no imaginário dos habitantes das cidades em processo de modernização.

O contexto mundial e a modernidade atada a esse momento são apresentados na obra de Veríssimo através de relances, de observações “en passant”, de construções rápidas, porém significativas. A própria questão da efemeridade dos encontros na rua, do passante que aparece, não interage e desaparece na multidão, se faz presente em Clarissa.

Os seus olhos [de Clarissa] dançam, curiosos, encantados. As pessoas passam por ela, ela passa pelas pessoas. Umam riem, outras estão sérias. Caminham rápidas, brilham um instante, somem-se depois. Bem como uma fita de cinema. Clarissa mal lhes pode perceber as feições. (VERÍSSIMO, 2005, p. 110)

Sevcenko (1998, p. 11) afirma que a Revolução Técnico-Científica impacta justamente o modo de vida dos habitantes da cidade, “alterando tanto os hábitos e costumes cotidianos quanto o ritmo e intensidade dos transportes, comunicações e do trabalho”. Logo, essa observação do ritmo mais rápido das pessoas aparece de forma natural não só pelo ritmo ter efetivamente acelerado nas cidades, mas também porque o observador, nesse caso, Clarissa, vem de um contexto que ainda não sofreu os impactos imediatos dessa revolução.

Porém, a representação mais poderosa da modernidade se dá com o próprio pensionato. A casa, eco da cidade em processo de modernização, apresenta uma pluralidade de tipos humanos que interagem e reagem uns aos outros, de acordo com seus interesses e características, antagonizando com o caráter sonhador e retraído do personagem observador, Amaro.

Amaro está proibido de sonhar. Esta confusão de vozes de todas as cores, em todos os tons, entremeada do retinir de copos, pratos, talheres e do arrastar de cadeiras, obriga-o

a ficar aqui na sala de refeições da pensão da d. Eufрасina, em companhia do Barata, caixeiro-viajante e contador de anedotas, da mulher do Barata, do tio Couto, que não trabalha e quer regenerar a República, do major, que faz perguntas e dá conselhos, da Belinha de olhos românticos e do Gamaliel, prático da farmácia e metodista. (VERÍSSIMO, 2005, p. 39)

Essa imagem caótica, de sobreposição de vozes, é retomada inúmeras vezes ao longo do romance, fazendo ecoar a impressão de tumulto, de pluralidade de indivíduos e de mundos que a casa de pensão representa, como pode ser evidenciada em trechos de conversa entrecortados.

Dessa forma, a pensão de dona Eufрасina se configura como um microcosmos pulsante, no qual os personagens se aglomeram em suas vidas pulsantes e onde o turbilhão da modernidade se instala confortavelmente, no celeuma dos pensionistas nas horas das refeições. A pensão seria, nesse caso, um recorte da própria cidade moderna, inclusive por meio da estereotipação dos personagens – há o militar, o estudante, o judeu, a cinéfila, o caixeiro-viajante e mais alguns, unidos em um espaço comum. Sobre a modernidade, Berman esclarece que a unidade advinda desse processo, ambiente que promete “aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor” (BERMAN, 2007, p. 24), é paradoxal, pois “ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e de angústia” (BERMAN, 2007, p. 24).

O próprio personagem de Amaro, marcado por sua postura de excluído do grupo, se interessa por esse turbilhão, querendo, inclusive, apreendê-lo em uma composição para o piano, como forma de fazer desse tumulto arte.

Um dia há de escrever a rapsódia da pensão de dona Eufрасina: uma música colorida e viva em que aparecerão os gritos do papagaio, as cantigas de Nestor e de dona Ondina, as risadas do major, as anedotas de Barata, a voz dolorosa do menino doente – a adolescência luminosa de Clarissa (VERÍSSIMO, 2005, p. 18).

Esse personagem, assim como Clarissa, saiu de sua terra natal para encontrar melhores condições de vida na cidade. Levando uma carta de recomendação de um coronel, ele foi tentar uma colocação como funcionário público, porém não encontrou as oportunidades às quais aspirava e acabou como funcionário de banco. Desde as primeiras reflexões do personagem a respeito da cidade, refletidas também no seu julgamento sobre a pensão e o banco, percebe-se que ele não está à vontade com a mudança, que ele é um estrangeiro nesse ambiente, alguém que não se adapta ou se integra à paisagem moderna.

Amaro é o grande observador da comédia humana encenada na casa de dona Eufрасina e, dado seu comportamento melancólico, é o único que não se encaixa perfeitamente na simbiose dali, estando sempre deslocado e retraído. Ora, essa posição o coloca, portanto, como observador e, se ele não é o narrador do texto, suas reflexões ajudam a construir essa narrativa, da mesma forma que a visão de mundo de Clarissa dá o contraponto daquela melancólica e amarga do funcionário de banco.

■

Além disso, percebe-se que o turbilhão da modernidade extrapola os muros da pensão e alcança também o emprego de Amaro, que também o subjuga e que é motivo de seu sofrimento.

Quando terminará o conflito? Conflito com a vida, com os homens que andam pela vida a se magoarem uns aos outros, a disputar lugares aos encontros e cotoveladas? Cada dia que passa é uma tortura que se repete. O expediente do banco, o tá-tá-tá das máquinas de escrever, os cavalheiros que discutem juros de mora, taxas, câmbios; contínuos que passam com pastas gordas de papéis cheios de algarismos; e homens inclinados sobre as carteiras, escrevendo, registrando, calculando... e a fúria para conseguirem juros mais vantajosos, e o desespero de outros por não poderem pagar os títulos vencidos, e as ameaças de protesto, e mais juros, e mais cálculos, e números, números, números, afogando, esterilizando, complicando, matando (VERÍSSIMO, 2005, p. 42).

Amaro está, dessa forma, submerso em um ambiente de caos capitalista: o banco. É irônico que o personagem que mais sofre com o fenômeno da modernidade esteja preso a um grande ícone capitalista que representa a finalidade daquilo que é moderno: gerar lucro e riqueza. Nesse ambiente, muitas vezes dominado pelas considerações acres de Amaro, surge a figura de Clarissa, adolescente que, com sua frescura e ingenuidade, faz o contraponto ao pessimismo melancólico do pianista.

Clarissa segue num encantamento. Sua sombra se espicha na calçada. Como a vida é boa! E como seria mil vezes melhor se não houvesse esta necessidade (necessidade não: obrigação) de ir para o colégio, de ficar horas e horas curvada sobre a classe, rabiscando números, escrevendo frases e palavras [...] (VERÍSSIMO, 2005, p. 25).

Num artigo em que analisa o papel feminino de Clarissa, Alves e Silva (2013, p. 3) consideram que

Clarissa apresenta um ponto de vista feminino dessa menina de treze, quatorze anos, que, vivendo na capital, sente saudade da vida na fazenda [...] verifica-se que Clarissa apresenta um perfil de menina-moça avançado para sua época, revelando essa modernidade, através das inúmeras interrogações que faz diante de tudo e de todas as questões que lhe são apresentadas.

Enquanto Amaro se aflige com preocupações do mundo adulto, que giram em torno, muitas vezes, da falta de inspiração, de sua tristeza e da nostalgia de tempos mais fáceis e alegres, Clarissa surge como uma força romântica, carregada de ingenuidade e leveza, sem grandes questionamentos filosóficos ou metafísicos, tendo como maior preocupação fruir com força sua juventude.

Clarissa fica um instante a contemplar as árvores. Na sua mente se pinta de repente uma paisagem familiar! A estância de papai. É de manhã, as vacas mugem no campo, as macegas fagulham. Na mangueira as criadas ordenham as vacas e os canecões feitos de lata de abacaxi se enchem de um leite morno e espumante. [...] *Que saudade!* (VERÍSSIMO, 2005, p. 26. Grifos nossos).

A imagem da estância dos pais de Clarissa traz consigo uma grande carga de idealização e de saudade. O campo, nessa obra, não sofre de forma alguma julgamento depreciativo, não é visto de maneira negativa quando comparado ao progresso que ocorre na cidade. A tônica de uma forma geral é de uma vida menos tumultuada, com menos preocupações na fazenda, onde a vida adquire um ritmo mais lento, o que se opõe à construção do tumultuado ambiente urbano. Enquanto a vida da fazenda, apresentada a partir de memórias e de informações vindas em cartas, se mostra tranquila e sem grandes preocupações, a vida urbana, sobretudo intramuros da pensão, se faz de fragmentos de conversas altas, da correria dos pensionistas e de suas preocupações íntimas a respeito da vida.

Mamãe escreveu dizendo que tudo na fazenda vai bem. A vaca brasinha (a querida de Clarissa) continua gorda, dando muito leite. Primo Vasco parece que está criando juízo. O Romeu ronrona pelos cantos, negaceando camundongos. Papai melhorou da asma. Mas a pessegada (nunca tudo é perfeito) infelizmente queimou no tacho [...] (VERÍSSIMO, 2005, p. 29).

A fazenda é, portanto, fonte de sonhos e de esperanças de retorno, pois representa, para Clarissa, uma vida menos tumultuada, sem todas as obrigações que tem na cidade, ou seja, a fazenda é um contraponto idílico, um refúgio a essa modernidade que oprime: “um dia chegam as férias. A fazenda... [...] Eu fico solta. [...] Livre! Livre! Livre!” (VERÍSSIMO, 2005, p. 56).

Movimento semelhante há em Amaro, cujas reminiscências também evocam um passado mais simples, com menos agruras e com uma promessa de felicidade. Porém, ao se lembrar da cidade da infância, Amaro deixa transparecer uma nostalgia de algo desconhecido, de algo idealizado ao longo do tempo, mas que não tem contraponto na realidade.

O mundo ia além. Além do horizonte havia mais terras, e campos, e montanhas, e cidades, e rios e mares sem fim. Dava na gente vontade de correr mundo, andar nos trens que atravessam as terras, nos vapores que cortam os mares. Andar... Nos olhos do menino havia uma saudade impossível, a saudade de uma terra nunca vista. (VERÍSSIMO, 2005, p. 37).

Pode-se notar que a integração do eu ansioso por esse mundo novo e essa terra nunca vista se faz por meio de artifícios próprios da modernidade, como os trens e os navios a vapor. Há, portanto, a necessidade de se valer desses meios para encontrar esse paraíso perdido ao qual anseia. Para Berman (2007, p. 24), “as pessoas que se encontram em meio a esse turbilhão [da modernidade] estão aptas a sentir-se como as primeiras, e talvez as últimas, a passar por isso; tal sentimento engendrou inúmeros mitos nostálgicos de um pré-moderno Paraíso Perdido”. É o caso de Amaro, que, assim como seus contemporâneos, se vale de uma idealização mítica do passado para dar conta do presente em que vivem.

Desdobramento desse ideário ocorre em relação à Clarissa: Amaro constrói a mesma ideia de paraíso perdido que o faz idealizar a cidade da infância, que o leva a se

■

apaixonar pela moça. “Por que será que lhe vem à memória a imagem de Clarissa? Clarissa é parte integrante deste jardim florido e luminoso [...] Clarissa é música e é poesia, menina e moça – olhos abertos para o mistério da vida, alma que amanhece” (VERÍSSIMO, 2005, p. 97).

É importante notar, porém, que o amor que Amaro sente por Clarissa é um amor preso no instante presente, pois ele percebe que a menina irá crescer e se tornar uma mãe de família e que sua juventude – tanto admirada por ele – é apenas efêmera. O amor que se apresenta aqui é fortemente calcado na idealização de um momento que inevitavelmente irá se perder, assim como o passado na cidade de interior se perdeu. Dessa forma, Amaro reflete: “Clarissa, se eu pudesse falar, se tu pudesses entender... eu te diria que nunca desejasses que o tempo passasse. Eu te pediria que fizesses durar mais e mais este momento milagroso” (VERÍSSIMO, 2005, p. 18).

Fica clara aqui a valorização da juventude em oposição às preocupações da vida adulta, como uma forma de lembrar que os instantes descontraídos passam e ficam apenas aqueles cheios de tédio e de complicações. É interessante notar que os momentos carregados positivamente são atribuídos, muitas vezes, a ambientes menos urbanos – a casa da fazenda, a cidade de interior, o jardim do pensionato, construindo, assim, uma idealização que é acompanhada pela própria natureza. Os ambientes carregados negativamente, portanto, são aqueles mais urbanos, como o banco – símbolo máximo das cidades – e o próprio refeitório, ambiente de passagem dos pensionistas sempre apressados e barulhentos. Essa oposição se faz notar também na observação de Amaro.

Amaro está deslumbrado. Enfim, a vida tem momentos brilhantes que compensam a dor de viver. Lá fora os homens se acotovelam e agridem, se dizem palavras duras e se odeiam. Mas aqui há agora algo de puro e de fresco. Seis almas que vivem o minuto milagroso da infância, no meio das flores (VERÍSSIMO, 2005, p. 123).

Essa cena, protagonizada por Clarissa, traz quatro crianças pequenas e uma criada, todos da casa vizinha, que brincam no jardim do pensionato. Mais uma vez, o momento é apreendido com o máximo de força, pois ele está fadado a ser passageiro. A oposição entre a frescura da juventude e o “mundo lá fora”, cruel e feroz, pode ser vista como uma alusão ao paraíso perdido e ao mundo modernizado da época. Paz bucólica se opondo ao tumulto urbano; juventude se opondo à vida adulta.

3 Considerações finais

Clarissa surge no livro homônimo muito mais do que como a jovem despreocupada de 13 anos que o leitor pode supor. Se a menina é apresentada como alguém que se preocupa com o tédio da escola e com seu aniversário – pois então poderá usar sapatos de salto alto, é para compor sua natureza idílica que, em conjunto com a visão da fazenda paterna, faz o contraponto com o mundo tumultuado da cidade grande.

Essa oposição não passa despercebida por Amaro, que acaba se encantando com a menina justamente pela sua forma inocente de aceitar fazer parte do mundo moderno

sem, no entanto, perder a referência da paisagem campestre. Em *Clarissa*, Amaro tem a representação de sua idealização, do tempo anterior ao estar na cidade e ser sobrecarregado pelo capitalismo e pela modernidade. A menina representa a fuga para algo que é fresco, juvenil, que ainda não foi maculado pela complicação que o mundo moderno e adulto representa.

Mesmo imersa em um ambiente que fervilha de modernidade, a casa de pensão, *Clarissa* sofre pouca mudança nesse sentido. Sua apropriação desse fenômeno está mais ligada ao uso das tecnologias disponíveis do que a uma mudança de ponto de vista. A menina continua sendo inocente. A pensão, dessa forma, representa o mundo moderno em ebulição, polifônico e contraditório, capaz de esmagar sujeitos – Amaro, mas que ainda encontra resistência – *Clarissa*.

Referências

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; SILVA, Dânae Rasia da. *Clarissa: reflexões sobre a personagem feminina no contexto romanesco de Érico Veríssimo*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem>>. Acesso em: 15 out. 2013.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil – Volume 3*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

VERÍSSIMO, Érico. *Clarissa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.